

JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

M. F. DO NASCIMENTO BRITO — *Presidente do Conselho*MANOEL FRANCISCO BRITO — *Diretor Presidente*ROSENAL CALMON ALVES — *Diretor*WILSON FIGUEIREDO — *Diretor de Redação*DACIO MALTA — *Editor*MERVAL PEREIRA — *Editor Executivo*ORIVALDO PERIN — *Secretário de Redação*

60on. Brasil Hora da Mudança

Um dos recados dados pelas urnas do plebiscito, além da preferência pelo presidencialismo, é que a população brasileira espera por mudanças rápidas e profundas. A Constituição abre oportunidade que os congressistas não podem perder de definir o modelo econômico de acordo com a nova realidade mundial. O mundo já integrava blocos econômicos e países, quando a Constituição consagrou um modelo econômico ultrapassado que privilegia a atuação cartelizada dos monopólios e oligopólios, com grave prejuízo do consumidor.

A par dos problemas que a adoção exclusiva da correção monetária causa ao Brasil em matéria de realimentação inflacionária, um dos focos da resistência da inflação entre nós está no baixo índice de concorrência na economia. As recentes medidas de liberalização interna e de abertura do comércio exterior foram insuficientes para abalar os alicerces dos cartéis e forçá-los à competição e à maior eficiência.

A abertura real das economias do Primeiro Mundo — que suscita reações protecionistas como as tomadas pelo Estados Unidos, para dar à sua indústria tempo de se adaptar à concorrência — não deixa alternativa às economias que pretendem ser competitivas e disputar os consumidores dos países mais ricos: o Brasil precisa derrubar os alicerces do muro de Berlim que isolava mentalmente os nossos empresários.

Apesar das exportações já representarem 13% do PIB, os 5% das importações comprovam que o Brasil continua uma economia trancada por dentro. Diante

da falência financeira do Estado, que não resistiu à prolongada sangria a que ficou exposto na condição de tomador de recursos para tocar obras de infra-estrutura e subsidiar, por suas empresas, o fornecimento de insumos ao setor privado, é preciso encontrar um modelo de confiança para atrair novos capitais estrangeiros.

O capital privado nacional deu provas de capacidade, sobretudo quando fez investimentos com dinheiro estatal subsidiado, mas também da sua ogeriza pelos riscos numa conjuntura de incertezas e de inflação elevada. Sem ambiente de liberdade de movimentação comercial e de capitais, no entanto, será utopia imaginar que o capital estrangeiro será atraído pelo Brasil. Ainda mais com a inflação no nível atual.

A revisão da Constituição não pode se deter em dogmas ou tabus, se o Brasil não quiser perder mais uma vez o bonde da história que o levará para o primeiro time das nações na virada do ano 2.000. A sobrevivência dos monopólios serviu de escudo para os interesses corporativos puxarem a cobertura protetora do Estado aos cartéis.

Ampliar a privatização em todas as direções é a oportunidade capaz de criar no Brasil uma economia competitiva e sem privilégios internos, na qual irão prevalecer os mais eficientes, em benefício do consumidor, o grande esquecido pelos constituintes de 88. As mudanças causadas pela privatização vão exercer internamente o mesmo papel transformador da queda do muro de Berlim e ligarão o Brasil no mundo.